

A SEMANA

CORTE

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROVINCIAS

Trimestre..... 28000
Semestre..... 48000
Anno..... 88000

Director—VALENTIM MAGALHÃES

Semestre 49000
Anno 88000

REDACÇÃO, OFFICINA E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO 100 RS.

Não se restituem originaes, embora não publicados

NUMERO ATRAZADO 200 RS.

SUMMARIO

EXPEDIENTE— Historia dos sete dias; *José do Egypto*— Lingua vernacula; V. M.—(gazetilha litteraria— Victor Hugo; J. Reinach—Idyllio no bosque, poesia; Luiz Delfino— Illuminura; Julia Lopes— « Um homem gasto »; Novico—Gaspar da Silva— « A Illustração »— Imprecação, soneto, H. de Magalhães— Guerra Junqueiro & C.— Com o Correio Geral— O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional; Luiz Murat— Julio Ribeiro— Questão Litteraria— Theatros— Poetas brasileiros; Teixeira Bastos— Uma violencia do Sr. Nicoud— Hugoanas e Hugonianas; L. de Mendonça— Tratos á bola; D. Pastel— Correio— Factos diversos — Consultas.

EXPEDIENTE

Terminando no fim deste mez o prazo das assignaturas do 2º trimestre e do 1º semestre d'A SEMANA, rogamos desde já aos Srs. assignantes o obsequio de mandarem reformar as suas assignaturas, e aos que se acharem em atraso o favor de mandarem saldar os seus debitos.

A SEMANA

Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana, cuja historia, por fás ou por nefas, temos hoje de escrever, foi das mais chochas e das menos productivas que temos tido a honra de conhecer.

Nenhum grande escandalo, desses que fazem as delicias dos *reporters*, agitou a população— nenhuma festa, nenhum acontecimento, alegre ou triste, mas importante, rico de assumpto, teve lugar nos sete magros dias da *Semana* de hoje. A vida fluminense discorreu pacata e honestamente, sem estoiros de escandalos, nem « enxurrada de calamidades », como diz o Camillo.

Eis em quatro palavras o pouco que a Divina Providencia houve por bem conceder ás pennas sequiosas dos chronicistas desta cidade tão heroica quanto chilra.

Havendo chegado, no dia 13, de Campos, o Sr. Commendador Carlos de Lacerda, acompanhado pelo seu advogado Dr. Sizenando Nabuco, e sob a guarda de um

distincto official, apresentou-se no dia 16 perante o Tribunal da Relação para justificar a ordem de *habeas-corporis* que em seu favor haviam requerido varios amigos seus, desta Corte, afim de evitar a prisão que, por furto de escravos, havia sido ordenada contra elle.

O resultado foi o que se esperava: o Venerando Tribunal concedeu a ordem de *habeas-corporis* impetrada, com o voto dos Srs.: Olegario, José Noberto, Araripe, Carneiro de Campos, Leal, Trigo de Loureiro e Tito de Mattos; votando contra os Srs.: Mariani, Barros Pimentel, Paiva Teixeira, Gouveia, Norberto e Bandeira Duarte, tendo se retirado antes da votação o desembargador Sertorio.

O discurso pronunciado pelo illustrado patrono do impetrante deixou exuberantemente provado o que havia de violento e de injuridico no processo que os *tranquillisadores da lavoura* campista instauraram contra o denodado e sympathico abolicionista. Depois da magistral e notabilissima conferencia de Ruy Barbosa, ultimamente realisada no theatro Polytheama, não ha mais quem se possa illudir sobre as intenções dos *tranquillisadores* da lavoura; e os crimes de furto e acoutamento de escravos são novas e terriveis armas de que,—á sombra protectora daproverbial honestidade do Sr. Presidente do Conselho,—vão lançando mão decidida e ousada os escravagistas e negrophyllos. Ainda hontem publicou *O Paiz* a seguinte noticia:

« Foi absolvido pelo jury da cidade de S. Paulo o cidadão J. Villa-Maria, processado por furto de escravos.

Sua defeza foi sustentada pelo illustrado Sr. Dr. J. J. Vieira de Carvalho, abalisado lente da Faculdade de Direito.

Como se vê, tambem por S. Paulo se cuida em «tranquillisar a lavoura.»

Felizmente a tranquillidade augusta da justiça não se deixa perturbar pela acção dos *tranquillisadores*!

Honra lhe seja!

Na quarta-feira, 17, começou o grande leilão dos trastes, livros e todos os bens moveis do Sr. Senador Diogo Velho. S. Ex. retira-se para a Europa.

Por quanto tempo?

E' o que se não pôde saber ao certo. Como senador, não pode S. Ex. estar ausente do imperio sem licença do Senado, e, mesmo com licença deste, não pôde ausentar-se por mais de um anno.

Entretanto, S. Ex., mettendo sob o martello do leiloeiro todos os seus haveres, desde a sua bella cama conjugal até á derradeira caçarola de sua cosinha, mostrou não alimentar nenhum desejo de voltar—pelo menos tão cedo— a este bello torrão americano, do qual S. Ex. é vitalicio representante— por um voto.

De facto, que idéa se pôde fazer de um senador que mette em leilão tudo quanto possui: todos os seus trastes, inclusive o seu thalamo conjugal; todos os seus livros, inclusive alguns exemplares de obras rarissimas, datados de mais de trez seculos,—verdadeiras preciosidades bibliographicas,— e os relatorios e annaes parlamentares, que S. Ex. recebeu do Estado, gratuitamente, na qualidade de senador; o seu pequeno mas escolhido museu de sciencias naturaes, todos os seus quadros, entre os quaes dois ou trez de grande valor artistico; todos os objectos, enfim, do seu uso como *homem*, como politico, como advogado, como artista, como litterato, como sabio?

Que idéa se poderá fazer, senão que elle vá abandonar o seu paiz, de uma vez, indo fixar-se para sempre no Estrangeiro?

Alem disso, o seu bonito palacete vá ser tambem vendido ou arrendado a largo prazo. Tudo indica que S. Ex., como o Sr. Pereira de Moraes, « vá e não volta mais ».

Consta, murmura-se que S. Ex. embora vá residir na Europa, virá todos os annos a esta sua patria agradecida fazer a sua *estação senatorial*. E' possivel, mas não é decente. O senador é obrigado pela Constituição a residir no Imperio, e não unicamente em tempo de camaras abertas. Como fará o Sr. senador Diogo Velho, em caso de sessão extraordinaria? Virá pelo telegrapho? Enfim, o tempo explicará as intenções de S. Ex.

Boa viagem; é o que por enquanto lhe desejamos.

A chegada de Joaquim Nabuco ao Recife, no dia 18, foi recebida por festas entusiasticas, manifestações de apreço estrondosas e geraes.

O que dirá o Sr. Andrade Figueira, o *apostolo* do Esclavagismo?

Foi ha dias recolhido á casa de saude do Dr. Eiras o infeliz moço que, como narrámos em nosso supplemento do dia 11 do corrente, perdéra o uso da razão, victima das doutrinas professadas na *capellinha* do Sr. Lemos, o papinha positivista. E, a proposito, lembramos que o facto não foi sequer contestado pelos *frades* de Comte. Este silencio eloquente.

Soubemos com espanto e magua que não é esse o primeiro caso.

Sobem ao numero le cinco as pessoas que tem ido áquelle estabelecimento curar-se de « loucura positivista ».

Bonito! Muito bonito!

O elegante chronicista da *Gazeta de Noticias*, tratando desse caso tristissimo— como fizeram outros collegas da imprensa da Corte e das provincias—perguntou.

— Não se poderá desmanchar aquella grejinha?

Sim, ha de ser possível desmanchal-a; mas para isso e preciso que todos nós, os homens de imprensa, a ataquemos com as nossas pennas, a golpes vigorosos e repetidos.

E' uma obra mais que patriótica: — humanitaria.

Desmanchemos aquelle niuho de maucos!

JOSÉ DO EGYPTO.

LINGUA VERNACULA

O trabalho do Sr. José Ventura Boscoli sobre *Orthographia*, cuja leitura fizemos com prazer, embora sem maior estudo, não pôde ser considerado completo, não satisfaz inteiramente. E em ser por demais laconico está, ao que nos parece, o seu defeito maior, talvez unico. Se o Sr. Boscoli não nos deu quanto queria e podia no assumpto, devemos attribuir esse facto lamentavel ás insuperaveis difficuldades que se contrapõem entre nós a toda empreza litteraria ou scientifica. Aqui, n'este estranho paiz, o escriptor, longe de poder ganhar a vida pelo escrever, precisa de ser abastado, ter cabedades *sonantes*—para escrever. As letras não são uma profissão, um meio de vida no Brazil; são méro passatempo, maneira de gastar dinheiro com gaudío proprio e proveito de poucos, mas com desdem de muitos e indifferença de todos.

Ora o Sr. Boscoli é pobre.

Não fosse elle professor!

« Era meu intento escrever uma *grammatica elementar* para uso de meus alumnos; a falta de meios pecuniarios d'elle me divertio, limitando-me somente á orthographia, etc.» Confissão triste, que devêra envergonhar o paiz, se o paiz fosse susceptivel de sentir vergonha em cousas de intelligencia, não positivamente mercantis.

E' pois a falta de meios que se deve attribuir o não completo desenvolvimento d'este trabalho.

Reconhece-se que o Sr. Boscoli entende do riscado, e em questões de grammatica—falla de cadeira; para empregarmos duas expressivas locuções vulgares. Estudou, leu, meditou, e melhor: digerio, aproveitou e agora traz idéas proprias, elucidação e melhora mentos á materia em questão. Adopta e prefere acertadamente a *orthographia mixta ou usual*, que elle diz, sem erro, ser a unica *racional*.

Deste estudo a parte que mais deficiente nos pareceu foi a *Pontuação*. Embora opine o auctor com boas razões que a pontuação deva capitular-se na syntaxe e não na orthographia, desde que tratou della, occupando-se desta não devia limitar-se a dar apenas as principaes regras.

Agora um ligeiro reparo e terminaremos esta pequena noticia. Tratando do emprego da letra maiuscula, escreve o Sr. Boscoli: « Hodiernamente os poetas empregam letra maiuscula no principio do verso, quando o antecedente termina por ponto, dois pontos, ponto de interrogação ou admiração. »

E' certo; mas o uso commum é empregarem os poetas letra maiuscula no começo de todos os versos, terminem os antecedentes em virgula ou ponto, e mesmo quando nenhuma pontuação tenham.

Esta é que é a grande excepção feita á regra geral do emprego das maiusculas; pois que o emprego destas, depois do ponto ou dois pontos, de admiração ou interrogação—no verso—é o mesmo caso da prosa; é a regra geral.

Terminando, recommendamos o livrinho do Sr. Boscoli aos professores da lingua e á consulta dos estudiosos.

V. M.

GAZETILHA LITTERARIA

LIVROS FRANCEZES

Dos novos livros publicados em Paris são mais notaveis, e por isso os recommendamos ao publico, os seguintes:

HISTORIA E BIOGRAPHIA STEENACKERS E LE GOFF.—*Histoire du gouvernement de la defense nationale en province*. 3º vol. (Charpentier, edit.)

BONAL.—*Chute de la Republique de Venise*. (Firmin Didot, edit.)

DE CROZALS.—Historia da civilização. (Delagrave, edit.) Obra de vulgarização, em que se encontra a exposição logica e raciocinada das causas e resultados do progresso do pensamento humano. Este volume é consagrado aos tempos prehistoricos, ao Oriente, á Grecia, a Roma e ás origens da idade média, até Carlos Magno; o volume seguinte estender-se-ha até fim do seculo XVIII.

LA FERRIÈRE.—*Les trois amoureuses*. (Francisca de Rohan, Izabel Limeuil e Margarida de Valois.)—Calman Levy, edit.

MANESSE.—*Les Paysans et les seigneurs avant 1789*. (Jouvet, edit.)

MIRON DE L'ESPENAY.—*François Miron*. (Plon, edit.)

DEPREZ.—*Les grandes souveraines*. (Debora, Penthesilea, Semiramis, rainha de Sabá, Cleopatra, Zenobia, Branca de Castella, Izabel a Catholica, Elisabeth d'Inglaterra, Maria Thereza e Catharina II.) Furne, edit.

BLAZE DE BURY.—*Alexandre Dumas*. Magnifico estudo anecdotico, biographico e critico do escriptor e da sua obra. (Calman Levy, edit.)

GABRIEL HANOTAUX.—*Henri Martin*. Biographia completa do grande historiador. O auctor viveu na sua intimidade durante 15 annos e amava-o como a um pae. (Leopold Cerf, edit.)

OUROUSSOV (principe).—*Recueil des traités de paix*. Quadro completo e chronologico das negociações internacionaes que, desde 1648 concorreram a formar a moderna Europa. Muito util aos moços que se destinam á diplomacia.

ROMANCES

Naturalistas :

G. DE PEYREBRUNE.—*Mademoiselle de Tremor*. (Charpentier, edit.)

HENRI GREVILLE.—*Le mors aux dents*. Interessantissimo estudo da vida facil. (Plon, edit.)

F. VILLARS.—*Roland d'Escours*. (Plon, edit.)

PAUL SAUNIÈRE.—*Maigrichonne*; typo admiravel de gratidão e devotamento. (Marpon, edit.)

GUY DE MAUPASSANT.—*Bel-Ami*. Espirituoso e curiosissimo estudo do *monsieur qui arrive par les femmes*. « E' uma obra muito forte, muito poderosa, mas tambem de uma verdade cruel e ligeiramente repulsiva » escreve a seu respeito o reputado critico Maxime Gaucher.

No genero dramatico :

NOEL BLACHE.—*Cezarin Audoly*. (Plon, edit.)

A. ROCOFFORT.—*Chateau de Trébor*. (Plon, edit.)

HECTOR MALOT.—*Sang Bleu*.

No genero phantasista :

GYP.—*Sans voiles*. — (Calman Levy, edit.)

A. EHRARD.—*Contes panachés*. Levy, edit.

J. MOYNET.—*Entre garçons*. (Levy, edit.)

A. LAFRIQUE.—*Entre onze heures et minuit*. (Nilsson.)

QUATRELLES.—*Mon petit dernier*. (Hetz, edit.)

OBRAS DIVERSAS

HERVÉ.—*La crise en Irlande*; o estudo mais judicioso e completo das dissensões interiores que agitam o Reino Unido. (Hachette, edit.)

YVET GUYOT.—*Lettres*. Tratam estas magnificas cartas da politica colonial da França. (Reinwald, edit.)

EDGARD QUINET.—*Lettres d'éveil*. 2º vol. Contém a correspondencia de Quinet com Michelet, Chauffour, Laurent, Pichard, d'Hassonville, Luiz Ulbach, etc. (Calman Levy, edit.)

APPARECERÃO BREVEMENTE

COMTE D'HASSONVILLE.—*Ma jeunesse*; souvenirs de 1814 a 1850. (Calman Levy.)

PAUL VASILI.—*La société de Londres*. (Plon, edit.)

MME. COIGNET.—*François I, (Portraits et récits du XVI siecle)*. (Plon, edit.)

ANDRIEUX.—*Souvenirs d'un préfet de police*. Obra de escandalo, que produziu grande sensação em Paris. (Rouff, edit.)

PAUL EUDEL.—*Collections et collectionneurs*

PAUL LHEUREUX.—*La toquée*

GRAMMONT ET GINISTY.—*L'idée fixe*

EDOUARD ROD.—*La course à la mort*

E' editor d'estes trez ultimos romances o livreiro Frinzine.

CH. LACHAUD.—*Plaidoyers*. (Charpentier, edit.)

ED. E JULES DE GONCOURT.—*Sophie Arnould*. (Charpentier, edit.)

LIVROS BRAZILEIROS

Entrou para o prélo um novo livro do illustre philologo e escriptor Julio Ribeiro—*Cartas Sertanejas*. Estas cartas, em que são estudadas com grande elevação de vistas e raro vigor de estylo algumas importantes questões sociaes e politicas, foram primitivamente publicadas no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, com grande successo.

Deve apparecer proxivamente, editada pelo Sr. Serafim Alves, a antiga e bella poesia de Luiz Delfino—*A Filha d'Africa*, precedida de um prefacio de Valentim Magalhães.

Deve vir brevemente á Côte o illustre poeta Theophilo Dias, para fazer uma leitura do seu poema inédito—*Comedia dos deuses*. Consta-nos que é uma obra notavel.

VICTOR HUGO

O artigo escripto na *Revue litteraire et politique* (n. 21—23 de Maio) por Joseph Reinach acerca do grande poeta, cuja morte impressionou o mundo inteiro, é um dos mais bellos e verdadeiros que temos lido sobre Victor Hugo.

Joseph Reinach estuda, em vigorosa synthese, a influencia politica exercida sobre os seus compatriotas e contemporaneos pelo impeccavel republicano que escreveu *Napoleon, le petit, L'année terrible, Les chatiments e L'histoire d'un crime*.

Na impossibilidade, que lamentamos, de transcrever todo esse bello trabalho, damos em seguida a ultima parte d'elle, na certeza de que, tanto pela justeza e brilhantismo das observações como pela novidade do ponto de vista de que foi estudado o Homem—Sol, ha de agradar e interessar muito aos nossos leitores:

« Victor Hugo deve muito á Republica: a Republica não deve menos a Victor Hugo.

Não me refiro unicamente á honra de haver contado entre os seus adeptos, perante os partidos, perante o mundo e a Historia um tão maravilhoso espirito. Ha mais, muito mais do que

isso; e a nossa gratidão não poderá proclamar-o bastantes vezes, nem bastante alto. Lá, ao longe, na sua ilhota batida das ondas, durante 18 annos—os 18 annos do nosso baixo imperio—, pelo seu exemplo, pelos seus versos vingadores e pela sua prosa de justiça implacavel, pelo *Chatiments* e pelo *Napoleon, le petit*, quantos servidores não conseguiu conservar á Republica e que sem elle seriam abocanados pela corrupção imperial?!

Quantos jovens e heroicos soldados não deu á Republica Victor Hugo; os quaes, sem elle, não teriam reconhecido um crime no golpe de 2 de Dezembro e ignorariam a verdade?!

De um lado—a emboscada triumphante, a mentira victoriosa, o direito calcado aos pés, envilecida a justiça, a força grosseira e brutal reinando soberanamente; do outro lado—Victor Hugo em Guernesey:—o equilibrio moral não foi perturbado!

Aquella chainma sobre um rochedo, aquelle pharol na tempestade: nada mais era preciso para assegurar que não seria eterna a negra noute da oppressão. O Cezarzinho roubou á França, venceu a Russia, tomou por alliada a Inglaterra, diminuiu a Austria, libertou a Italia, deslumbrou a Europa:—porque não acompanhá-lo? Porque? Porque do lado do Oceano ouviu-se uma voz!

Ah! esse voluminho impresso em *papier chandele* introduzido subrepticamente, lido ás escondidas, atraz das portas fechadas a sete chaves, ou no fundo dos bosques, quem poderá contar os jovens espiritos que elle salvou, quantos illuminou, esclareceu, e trouxe conquistados á causa da Liberdade, para sempre, até á morte?

Cada verso do *Chatiments* angariou um soldado para a Republica; cada pagina de *Napoleon, le petit*, levantou um inimigo contra o imperio, um campeão da justiça.

Fazer semelhante serviço á consciencia humana:—que gloria haverá superior a essa? E ainda ha quem falle da *arte pela arte*, quem ainda repita que a politica roubou Victor Hugo á Poesia!

A monarchia Victor Hugo deu somente—obras primas.

A Republica deu exercitos de homens, legiões de cidadãos.

JOSEPH REINACH.

IDYLLIO NO BOSQUE

AO GRANDE POETA E INSIGNE PROSADOR
LUCIO DE MENDONÇA

Et corde et genibus tremit.
HORAT.—

Chamo-te:—foges?—Olha... estou brincando.
Cabe uma folha: corres mais, e gritas!...
Com que gesto apontaste-me, chorando,
Os olhos das estrellas infinitas!...

O céu azul tem sempre estrellas, nota...—
Esta sombra? é de um tronco... (escuta) um tronco...
—Não anda um tigre alli, n'aquella gróta:
O ronco? é d'agua, que alli corre... o ronco!...

Tremem-te a alma, e o coração e os joelhos,
Se a flor treme,... (não é a primavera?—
Se um lagarto fugiu d'uns ramos velhos,...
—E' o lagarto alguma estranha fera?—

Ou sou o vento, ao qual a flor se dobra?
Foges do galho, que rangeu ás brizas?
Ou crês que mordo, e sou alguma cobra,
Por que me arrasto pelo chão, que pisas?...

Olha: eu não sou nenhum leão, que mata;
Se o fóra, a clina d'ouro estenderia
Sob os teus pés... Não deixes vir o dia:—
Já mette a aurora tanta luz na matta!

Ha no bosque um milhão de mariposas:
Corres? Seguem-te em bando, pressurosas:
São como as almas das pequenas consas,
Filhas da sombra e do rumor das rósas.

Culpas-me tu, se o envame, em torvelinho,
Te cega, e pões o lindo pé em falso?
Pára: verás: nivelo-te o caminho:
De beijos logo toda a estrada calço.

Páras? Cançaste?—Era já tempo: escuta!
Deita-te aqui... (Vê se te acaba o medo...)
Junto da gruta, á sombra do arvoredor...
E, se houver muito sol; então... na gruta...

LUIZ DELFINO

Iluminura

UMA RUINA

Vi, quando era ainda pequena, n'uma hedionda caveira, entre as pedregosas paredes de uma velha gruta, um ninho de passarinho.

Fez-me impressão aquillo.

Hoje veio-me á memoria esse encontro, ao saber que o amor foi aninhar-se sem medo no teu gasto e arruinado coração.

JULIA LOPES.

Campinas, Junho de 1885.

«UM HOMEM GASTO» (*)

Com quem se ha de parecer o auctor de *Um homem gasto*, desde que os mestres do naturalismo lhe recusam peremptoriamente a paternidade?

Pater, diz o aphorismo juridico, *est quem iusto nuptie demonstrant*. Ora, na impossibilidade de verificar a filiação litteraria do livro, por não conhecermos a vida de quem o gerou, nem a sociedade em que este viveu, as companhias viciadas que teve, as molestias feias que soffreu, os habitos maos que adquirio, não ha remedio senão procurar na bagaceira que temos diante dos olhos os vestigios do temperamento paterno.

Imaginem os leitores que L. L. pouco estudou, pouco aprofundou, que é dotado de alguma *verve*, mas de uma demasiada presumpção.

Supponham ainda que esse moço levou toda a sua vida escolar a ler romances de Ponson du Terrail; e que um dia lembrando-se de transportar para a tela aquillo que julgava enriquecer-lhe a imaginação, deteve-se diante de uma questão de forma.

Obrigavam-o a fazer a si mesmo esta pergunta:

—Qual a escola de romancistas a que me agarrarei?

A' de Ponson du Terrail e Xavier de Montepin? Não; estes estão mui desacreditados.

A' de Walter Scott, Chateaubriand, Lamartine? Não, também; porque os criticos andam a dizer que o romance historico e o sentimental não têm mais razão de ser—genero *pastiche*, genero piégas.

Pois n'este caso vamos ao que estiver mais na moda. E eil-o a procurar com todo o afan o genero do dia.

E' sabido que isto de modas é uma cousa muito caprichosa e relativa. Em uma cidade como o Rio de Janeiro

* Não sahio no numero passado, por falta de espaço.

póde-se dizer que em materia de idéas ha tantas modas quantas casas de familias. Mineiros, paraenses, rio-grandenses, goyanos, cearenses, bahianos—tolos fazem seu tabaco á parte. A rua do Ouvidor apenas serve para confundil-os de momento, lançando-lhes aos hombros uma capa como a do Santissimo Sacramento, que nem indica que a pessoa é da irmandade, nem que tem religião.

O nosso romancista, pois, escutando os dictames da moda, ou antes, do circulo em que vivia, começou a ler com todo o furor as obras de Octave Feuillet, Cherbonliez, Arsène Houssaye e outros que têm como principal regente de orchestra o director da *Revista dos Dois Mundos*.

Para elle, portanto, aquillo converteu-se,—como ainda a muita gente acoutece,—na ultima expressão do realismo.

Ha maior audacia do que defender uma these em romance?

Desle então principiou o candidato a ruminar o seu assumpto.

N'este interim a imprensa começou a fazer grande ruido em torno de novos livros, erguendo a uma altura enorme os nomes de certos auctores a que se concordou em dar o titulo de naturalistas.

O livro, porém, do nosso homem já infelimente estava prompto. Como conciliá-lo com a nervosa textura e a acritude dos romances, que o publico passava a ler com tanta anciedade?

Ocorreu-lhe uma idéa feliz. Apimentou algumas phrases, juntou algumas palavras licenciosas, e substituiu a capa em que se lia:—ALBERTO, romance, por esta outra:—UM HOMEM GASTO, pagina da historia social do seculo XIX, estudo naturatista.

Eis em poucos termos o que fez L. L. para parecer-se com Goncourt, Balzac, Flaubert e Daudet.

Diluiu um atomo de Arsène Houssaye em agua choca e deu-nos o seu estylo.

Distribuiu por quatro pessoas, que se figura escreverem cartas, uma historia chocha, e ahí têm o entreccho desenvolvido da obra.

Agora acrescente-se que estas quatro pessoas, sendo duas senhoras, um medico e um suicida, escrevem todas no mesmo estylo, apesar das differencas capitais que as distinguem, e ter-se-ha o segredo da grande arte de que dispõe esse dentista.

Isto para não fallar nem na impropriedade da linguagem, nem nas indiscrições de uma noiva que faz tolas dissertações sobre o amor, confundindo com uma amiga, nem na incongruencia da carta final, em que se acha, por assim dizer, concentrado todo o romance, carta escripta por Alberto pouco antes de suicidar-se, na qual se descreve, se analisa (?) toda a serie de influencias que levou o desgraçado a tal acto de desespero.

—Ao 2º item nada temos que dizer, porque L. L. cifrou-se n'este em reproduzir as accusações de *Noviço*, e a mettel-o em troça.

Nada allegou em seu favor.

No 3º, referente á accusação que lhe fizemos de haver cercado o seu heroe de um meio philosophico diferente d'aquelle que realmente existe em Paris, indicando com isto supina ignorancia, L. L. ainda foge á questão para melhor e mais hvremente parvoicar.

Entre as novas philosophias excéntricas e não excéntricas, ahí citadas, o poeta *gasto* esqueceu-se do *energumetismo* e do *beatismo*. Será bom juntal-as ao seu rosario.

Passemos, pois, ao 4º item.

Diz L. L. que o que pretendeu foi «patenteiar á evidencia os funestos resultados da acção constante de um meio social dissolvente e da má orientação das idéas philosophicas no individuo submettido ás influencias d'esses meios».

E acrescenta que, tendo feito nascer perfeito o seu heroe, colloca-o desamparado n'um collegio aonde elle se perverte; fal-o passar depois pelo meio de uma mocidade corrupta no Rio de Janeiro e depois atufar-se no vicio em Paris, aonde os seus males se culminam. Por um milagre este homem depois de gasto rehabilita-se moralmente, volta ao Brazil, casa-se, mas o exhaustão physiologico chama-o a novo precipicio e lança-o na loucura, no suicidio.

Damos de barato que tudo isto seja muito logico e segundo o que ensina e preceitua a sciencia.

«Tal é a acção do romance, exclama triumphante o impagavel L. L., una, varia, simples e logica... «vasada nos moldes dos processos modernos.»

Que pigarro nos provoca esta ultima baforada!

Vejamos, porém, como elle se derramou n'esses moldes a que allude.

Em primeiro logar a maior parte do livro é occupada por cartas da noiva de Alberto a uma sua amiga, descrevendo as crises de impotencia, a que succumbe o marido, as quaes ella não pôde comprehender, muito menos interpretar. Portanto, essa parte do livro enche-se de considerações sem importancia, sem eloquencia, sem valor algum de observação.

Segue-se a carta de Alberto. L' nesta peça que se acha condensada toda a acção do romance.

Aqui cunpre-nos perguntar se um suicida, louco, inconsciente, obedecendo unicamente aos impulsos da *neurose* é competente, tem a calma precisa para observar-se edescrever com acerto todos os accidentes de sua vida; se um homem d'estes pode concatenar toda uma serie de circumstancias, influencias mesologicas e physiologicas explicativas de de um desastre qualquer.

Pois o romancista emerito não trepidou em collocar toda a parte analytica de seu livro no bico da penna de um louco. Por ahi avalie-se o seu criterio.

Mas concedamos que essa sua impropriedade da forma epistolar seja coisa secundaria; e accetemos como possivel essa analyse relativa a antecedentes e consequentes, na bocca ou na penna de um louco suicida. Por que modo realisou L. L. o seu plano? de que maneira desenvolveu a sua these? Já o dissemos uma vez e o repetimos: —Amplificando os enunciados que ficam acima julgados.

Alberto diz na carta que esteve aqui, andou por ali, soffreu acolá estas ou aquellas influencias e n'isto cifra-se tudo. Mas isto nada adianta; é apenas o indice de um livro por escrever.

Aondea demonstração? Aonde a pintura do caracter em via de formação?

Era acaso com vãs declamações que Balzac, Daudet, Dickens, os mestres de L. L., levantavam na tela de seus grandiosos romances o vulto dos seus personagens, e descreviam o trama da horripavel batalha da vida?

Por ventura David Copperfield, Nicoláo Nickleby, Numa Roumestan, Eugenia Grandet, Goriot, e outros personagens que vivem em nosso espirito, foram ahi gravados a pinceladas de borrador de taboletas?

Noviço

Todo inconveniente tem as suas vantagens.

V. Hugo.

Gaspar da Silva

Está nesta côrte, desde domingo, o nosso illustrado collega Gaspar da Silva, redactor do *Diario Mercantil*, excellente jornal que se publica em S. Paulo. E' á clara intelligencia e rara actividade de Gaspar da Silva que a cidade de S. Paulo deve um dos melhores jornaes que tem tido e que é um dos mais bem feitos do imperio.

O distincto jornalista conseguiu conciliar alitteratura com o commercio—e o *Diario Mercantil* é uma folha assignada e lida por quasi todos os negociantes da gloriosa provincia dos Andradas.

Comprimntamos cordialmente o nosso illustre collega.

A ILLUSTRACÃO

Está publicado o n. 10 da *Illustração*. Este numero, impresso a cores, trata especialmente do *Salon* de Paris e reproduz 16 quadros dos mais notaveis da exposiçáo d'este anno. Além d'essas bellissimas gravuras, dá ainda 16 retratos dos pintores mais afamados da França, e Mariano Pina faz a traço largo um excellente bosquejo historico da instituição do *Salon*, desde o seu começo, 1648, até hoje. Na ultima pagina traz a *Mazurka* op. 30, n. 1 de Chopin.

E' um numero bellissimo, que mais confirma a reputação de primeiro jornal do genero, de ha muito adquirida pela *Illustração*.

IMPRECAÇÃO

O' Natureza, cura a dôr que opprime
Meu peito agora. O' aves, consolai-me
Com o madrigal, co'a pastoril sublimé;
Epithalamios e églogas cantai-me.

Correi, nimbus e schirrus; inundai-me
De luz, ó Sol! O' céu azul, sorri-me!...
Flores: geranio, rosa, nardo, ouvi-me:
— De aromatico effluvio embebedai-me!

Mas... se nada conforta-me, ó colossos,
Montanhas, feras, pachidermes broncos,
Areaes ardentes, aquilões, destroços

De mundos, trevas, temporal desfeito,
Pedrciras, mancenilhas, mares, troncos,
Rugi, tombae, rolae sobre o meu peito!

HENRIQUE DE MAGALHÃES

Guerra Junqueiro & C.

Lê-se no n. 157 d'*O Tirocinio*, folha que se publica em Barcellos, Portugal.

«A *Semana*.—E' este o titulo de uma bella revista litteraria, que se publica na capital do imperio brasileiro.

Temos á vista os ns. 14 a 16 d'*A Semana*. O primeiro d'estes numeros vem abrihantado com o retrato do inspirado poeta, o Sr. Guerra Junqueiro, conjuntamente com o do Sr. Antonio Soares de Macedo, reitor da freguezia de Areias de Villar.

O primeiro, é o autor da *Morte de D. João*; o seguudo é um jesuita acerrimo.

Entre as crencas d'estes dous personagens, unidos por uma bella gravura, copia fiel d'uma photographia de Sebastião Neves, meceia um enorme abysmo!

E' com immenso prazer que accusamos a recepção d'*A Semana*, fazendo votos pela sua prosperidade, e para que longa lhe corra a existencia.

E' feito o cortezão do ventre da serpente.

V. Hugo.

Com o Correio Geral

Pedimos a S. Ex. o Sr. Dr. Luiz Betim, dignissimo director dos Correios, que dê suas ordens afim de serem as malas de *Patrocínio de Muriahé*, remettidas pela Estrada de Ferro Leopoldina, Ramal Alto de Muriahé até á Estação do Patrocínio.

Fazemos este pedido a S. Ex., de accordo com uma reclamação que recebemos, na qual diz o reclamante haver conveniencia publica, por assim tornar-se diaria a recepção d'estas malas em Patrocínio de Muriahé.

O Dr. Luiz Delfino e a poesia nacional

(Vide os ns. 19, 20, 22 e 24 d'*A Semana*) (*)

O Dr. Luiz Delfino prendeu á *Solemnia Verba* toda a sua possante personalidade, dando-lhe um caracter inteiramente moderno, expandindo a sua imaginação por horizontes escampados e lançando á alma do povo espanhol a idéa encandecente, larga e grandiosa, que encerra o ideal da politica do Seculo.

Assim, é que elle exclama:

Não temais, reis do mundo, o gladio d'ella.
Não é a liberdade algoz tremendo;
Como o sol passa em horas de procella,
Aface d'ouro em nuvens escondendo,
Mas sempre rei e rei da immensidade...
Assim é elle, o sol da liberdade...

Depois o pensamento do poeta plana mais alto, attinge a uma synthese mais luminosa e chega a este resultado:

Vejo-te, Hespanha, soberana e bella,
Ao banquete da paz chamando os povos,
Firmando emfim galhardamente nella
A conquista dos teus direitos novos...
Viva a paz que engrandece e que consola...
E' a paz a Republica hespanhola.

Não se pôde negar que o poeta accentuou energicamente nesta *sextilha* a idéa fundamental que preside á elaboração politica do Occidente.

A Hespanha está destinada a representar um grande papel na historia da humanidade. Ha uma coincidência entre os factores mesologico, historico e ethnologico da peninsula hispanica.

O facto mesologico é importantissimo pela acção que exerce no espirito e nas instituições de um povo.

Pela mesologia da peninsula hispanica um escriptor explica a sua tendencia separatista, explicando ao mesmo tempo o centralismo da unificação monarchica, que tem atrophiado esse poderoso collaborador da Civilização occidental. Acompanhando a marcha evolutiva da historia e a acção mesologica, o illustre socialista destaca em plena luz a organização do unitarismo monarchico, desde Fernaud e Isabel até ás prtencões ibericas recentes, bragantinas ou affonsinas.

D'ahi a atrophia completa deste povo activo, espedido em hostilidades mutuas, trazendo como resultado a morte das liberdades populares e um desvio das forças que collaboram para o prestigio ulterior dos Estados Occidentaes.

Parece que pelo cerebro do poeta brasileiro passaram as palavras de Charrière, quando assignala a attitude da Hespanha para com a realcaza: «Ora, apesar do seu respeito aparente e cerimonioso pela realcaza, esta instituição tem sido sempre estranha e antipathica á Hespanha, a qual não é senão uma aggregação de pequenos povos e reinos, com accentuado espirito municipal, a quem repugna toda a centralisação. Apenas sahio das luctas intestinas, eis que vai cair como provincia na vasta monarchia de Carlos V. Se Felipe II lhe dá sob o mesmo prin-

cipio a sua nacionalidade, é para melhor mostrar o inconveniente d'esta forma para ella.

Creator de uma capital que não existia antes d'elle, e que Philippe II escolheu arbitrariamente para installar o seu systema, o effeito foi o de produzir logo para estas individualidades do solo da Hespanha o marasmo e a decadencia chronica, que trouxeram a paralyxia total d'esta potencia pela dos seus membros mais vigorosos.

« Seja qual for o principio geralmente accete pela nação hespanhola, é preciso que tenha o mesmo sentido para ella, e que, conservando uma ligação útil e necessaria dos diferentes estados da Península, o laço seja de tal forma flexivel, que deixe a estes Estados a sua personalidade e accção, permittindo-lhes obedecer á natureza que, em lugar de os chamar para o interior, os attraí para fora, que tornou esteril e inhabitavel o centro para desenvolver todas as suas magnificencias. no littoral, como para convocar a Hespanha a uma existencia maritima e commercial que está no seu destino.»

Em toda a *Solemnia Verba* atravessa a idéa da unidade politica da península hispanica. O poeta revolta-se contra o facto de submeter-se a Hespanha de novo á politica catholico-monarchica, que atrophiou a autonomia nacional enjaulando-a entre estes dous absolutismos:—o rei e a igreja.

Reconhecendo, todavia, os resultados da corrente civilisadora que rompeu o elo da solidariedade que unificava o sacerdocio com o Imperio e que explosia no espirito reformador dos Paizes Baixos, ablaqueando a constituição peninsular, concebida por Carlos V e Philippe II, diz o poeta:

«Vanos dar este escandalo ao passado:
Levantar a mulher, dar luz á infancia,
Mais do que o sceptro, ennobrecer o arado,
Lançar á noite immensa da ignorancia
A affronta das auroras ás mãos cheias;
Fazer ao facto o insulto das idéas.»

Por esta estrophe, como por muitas outras, reconhece-se que Luiz Delfino vé na Hespanha uma das forças auxiliadoras da profunda revolução que se opera no espirito das nacionalidades do Occidente.

Elle, com a sua visão de propheta, repercute até aos penetraes da Hespanha, como uma voz longinqua, porém consoladora e activa, tudo quanto o espirito humano tem sonhado de mais grandioso:—a paz universal.

E elle a define assim:

«E o que é a paz? Sabei, ó hespanhões:
E' o vosso safario ao lar fruido,
O campo roteado, o filho instruido...
São estes os pacíficos heróes,
Que hão de reuhir batalhas á miseria,
E a luz plantar nos corucheus da Iberia.»

Eis ahí a idéa democratica transubstanciando-se no cerebro do homem, consolidando-se por uma expansão natural na consciencia dos povos, calcando-se em moldes scientificos e emancipando-se pela decadencia da unidade catholica e pela installação pacifica da industria e cooperacão reciproca de todas as nacionalidades.

« Viva a paz que engrandece e que consola,
E' a paz a republica hespanhola. »

Sim. A republica é a affirmacão dos nossos direitos, a denegação de estabelecermos um governo definitivo, por que os governos definitivos são por si só uma restricção á liberdade, um obstaculo a qualquer desenvolvimento.

A republica não é o ideal, mas sim uma approximação d'esse ideal,—declive suave por onde tem descido vertiginosamente o assombroso espirito d'este seculo!

A republica é o progresso; o progresso é a evoluçãõ; a evoluçãõ é a vida, é o movimento; como diz Naquet.

Instituída a Republica, esta consolidada a liberdade, está estatuido o progresso, realísado o grande advento da occidentalidade, de onde decorre a felicidade do genero humano.

A paz será uma resultante da reacção scientifica do occidente, da modificabilidade do espirito essencialmente abstracto d'aquelle centro, pelo equilibrio e pela conciliação com o espirito concreto.

São as novas leis intellectuaes descobertas por A Comte, que nos levam á affirmacão d'esta politica systematica e solidaria.

A *Solemnia Verba* é consequencia de um espirito pensando e agindo de conformidade com as idéas e os sentimentos do seu tempo.

E' o producto de uma civilisação.

Luiz Delfino ergueo-se á altura da evoluçãõ litteraria do seculo, e de lá atirou á estagnação da politica de Affonso XII o brado mais sincero e mais ardente do seu temperamento latino.

Ez o que um grande poeta podia fazer.

Os criticqueiros que grunhem em derredor d'elle, não são capazes de discutir as idéas que eu tenho invocado para dar aos meus artigos um caracter mais serio e menos banal.

Seja quem for o critico do *Diario Liberal*, (mesmo porque já lhe conheço a altura pelo que tem escripto) não tem a erudicção sufficiente para abater um poeta da estatura de Luiz Delfino.

A sua critica tem os pés no solo; não sobe.

Critique, mas de outro modo;—demonstre, se for capaz, que qualquer poeta,—por exemplo: o Sr. Gonçaves Dias ou seu sobrinho—são superiores ao auctor da *Solemnia Verba*.

Submetta esta poesia a um estudo; analyse-a, decomponha-a, reconstrua-a depois, compare-a com os melhores obras tomadas do poeta em quem encontrar superiores qualidades artisticas; estude a vida de um e de outro, o seu meio e deduzo o seu temperamento; procure verificar quaes foram os elementos amassados por ambos, para a formação das suas obras; tome o seu pensamento em bloco, tome as suas idéas, compare-as; estude o momento social de um e de outro; veja quaes são as opiniões d'esta e d'aquella epocha; verifique as condições mesologicas que os cercam; as influencias que soffrem; as crencas que os exaltam; faça tudo isto, faça mais, ainda que as minhas opiniões estejam em antagonismo com as do critico, serei o primeiro a reuider homenagem ao seu talento e ás suas qualidades de observador.

Mas discutindo assim, assanhadico, colerico, embocado na rhetorica e na grammatica, a vér cacophatons e pleonasmos, versos quebrados e mancos por toda a parte, sem reparar nas bellezas que lhe passam pelos olhos estatelados no espasmo da idéa fixa, não conseguirá convencer ninguem, e a sua propria critica se transformará n'uma declaracão verbal de incompetencia e ignorancia do homem de letras que tão mal comprehende o papel ao qual ella se destina.

Algumas palavras ainda antes de terminar.

Por dois motivos não desenvolvi mais o estudo sobre o poeta da *Solemnia Verba*:

Em primeiro logar porque o jornal que deu publicidade a estes e anteriores artigos não comporta um estudo mais profundo sobre um assumpto de tal ordem, pelo seu caracter semanal: em segundo logar porque o meu illustre

antagonista, ha muito que me deixou so na arena.

Longe de mim a idéa de que fosse o receio de uma derrota, antes, talvez, a generosidade peculiar aos que conhecem demasiadamente a tempera das suas armas.

LUIZ MURAT.

JULIO RIBEIRO

Chegou quinta-feira de S. Paulo o illustre escriptor Julio Ribeiro, o reputado auctor da melhor grammatica da lingua portugueza, na opinião authorisada e insuspeita de Theophilo Braga.

Julio Ribeiro vem tratar da publicacão, em livro, das suas excellentes *Cartas Sertanejas*, publicadas ha pouco no *Diario Mercantil*, de S. Paulo, e que suscitaram enorme ruido na imprensa local.

A importante obra de Raul de Navey—*Viagens de Camões*, que o Sr. Ribeiro traduzio para aquelle mesmo jornal, vai ser impressa em Lisboa pelo editor Carrilho Videira. E tambem se está imprimindo em Portugal a segunda edicção refundida e emendada da sua celebre *Grammatica Portugueza*.

Comprimntamos o illustre escriptor.

QUESTÃO LITTERARIA

QUAL O MAIOR POETA DO BRAZIL?

Sobem ao numero de 343 os votos recebidos até esta data.

O prazo d'esta eleição litteraria terminará no dia 19 de Julho; devendo ser o resultado final publicado no nosso n. 25, a 11 do dito mez.

Apressem-se, pois, em nos mandar o seu voto os senhores que ainda desejem fazel-o.

Durante a esta ultima quinzena votaram

EM GONÇALVES DIAS

Da Corte:—Manuel Delmiro dos Santos, José de Souza e Oliveira e Ceciliano Berlente Gomes.

De Cantagallo (provincia do Rio:—Carlos Teixeira de Carvalho, Dr. Affonso Henriques, A. Brazilio, Eduardo Durão, Modesto A. P. de Mello, Joaquim P. Vasconcellos Gonzaga, Antonio de Souza Coelho, Antonio Vieira Torres, J. de A. Brito, Candido Zeferino Vieira, José Alves Cordeiro, Octaviano Ferreira de Moura, Henrique G. F. Halfeld, Philippe Russell Moss, João Sapucahyno de Souza e Silva, Antonio Paulino Nery de Sá, José de Souza Gomes e Francisco André Ludolf.

Da Bahia (Cachoeira):—Veridiano de Amazoné; (Maracás) Lindolpho Rocha.

De Santos (S. Paulo):—Gastão Bousquet.

EM CASTRO ALVES

Do Rio Grande (provincia do Rio Grande do Sul):—D. Revocata H. de Mello.

Da Corte:—Belfort José de Carvalho, Manuel Almeida Cruz, Luiz de Souza Araujo Jucós e Antonio Vieira de Siqueira Torres e José Orestes da Motta.

Da Bahia (Cachoeira):—Cincinato R. Pereira Franco, Zulmira Amalia, Valença; Adalberto Guimarães.

EM FAGUNDES VARELLA

Do Patrocínio de Muriahé (Minas:—Vicente Saturnino de Vasconcellos.

7) Não responderei ao meu antagonista sem que elle demonstre primeiramente a inconsistencia das idéas que eu tenho emittido n'este e em outros artigos sobre o Dr. Luiz Delfino.

EM ALVARES DE AZEVEDO

Da Bahia (capital):—João Augusto de Lemos, (Cachoeira); José Joaquim Villas-Boas, advogado, redactor do *Americano*.

EM BERNARDO GUIMARÃES

De Belem do Descalvado (S. Paulo):—Josino de Quadros B. e Sá e Gaudencio F. de Quadros.

EM LUIZ DELFINO

Da Corte:—M. F. Teixeira, A. M. Baptista e A. Salgado Guerra Junior. De Santa Maria Magdalena (provincia do Rio):—Mariano Alves Corrêa de Oliveira.

EM L. GUIMARÃES JUNIOR

Do Rio Grande (S. Pedro do Sul):—Julietta de Mello Monteiro.

EM CASIMIRO DE ABREU

De S. José das Taboas (provincia do Rio):—José Francisco Gaspar.

EM SANTA RITA DURÃO

Da Corte:—João José de Oliveira.

EM ANTONIO JOSÉ DA COSTA E SILVA

De S. Paulo (capital):—Geraldino Fernandes de Almeida.

EM EMILIO ZALUAR

Da Corte:—Manuel Theodoro da Fonseca.

EM PORTO ALEGRE

De Petropolis (provincia do Rio):—Alfredo de Paiva.

Não registramos a resposta da Exma. Sra. D. Narcisa Amalia, a distincta poetisa das *Nebulosas*, porque, embora propendesse para Luiz Delfino, não lhe deu em definitiva o seu voto; nem o do Sr. Joaquim Fortunato Meirelles, Cahiau, (Minas), porque S. S. dividiu o seu voto, elegendo Varella d'entre os poetas mortos e Luiz Guimarães Junior d'entre os vivos.

O Sr. Alfredo de Paiva deu o seu voto a Manuel de Araújo Porto-Alegre (Barão de Santo Angelo) em um folheto de dez paginas, escripto e offerecido ao director d'*A Semana*, com o titulo: «QUESTÃO LITTERARIA» e o sub-titulo: «Qual o maior poeta do Brazil?»

Neste numero transcrevemos parte d'esta interessante dissertação, que tanto honra *A Semana* pela gentileza da sua dedicatória e pela consideração e sympathia de que nella nos dá provas o seu illustrado auctor.

RESULTADO

Gonçalves Dias	130
Castro Alves	61
Luiz Delfino	46
Casimiro de Abreu	37
Theophilo Dias	14
Fagundes Varella	8
Alvares de Azevedo	8
Porto Alegre	6
Luiz Guimarães Junior	5
Bernardo Guimarães	5
Gonçalves Crespo	4
Domingos Magalhães	4
Mello Moraes Filho	4
José Bonifacio	2
Emilio Zaluar	2
Santa Rita Durão	2
Gonzaga	1
Pedro Luiz	1
Bazilio da Gama	1
Alberto de Oliveira	1
Odorico Mendes	1
Laurindo Rebello	1
Damasceno Vieira	1
Antonio José	1

« Ilm. Sr. Dr. Valentim Magalhães. Permitta V. S. que a mais obscura entre todas as mulheres, que neste torção cultivam as letras, ose dar tambem a sua opinião sobre qual o primeiro poeta brasileiro.

Admiradora sincera das esplendidas poesias de V. S., curvando-me submissa ante talentos como o de Castro Alves, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Varella, Casimiro de Abreu, José Bonifacio, A. Celso, Raymundo Corrêa, Carlos Ferreira, Luiz Delfino, Lobo da Costa, Luiz Murat, Damasceno Vieira, Mathias de Carvalho, Luiz Nobrega, Alberto de Oliveira, Theophilo Dias e tantos outros astros fulgentes que enriqueceram e enriquecem com suas sublimes inspirações as letras patrias, não posso, no entanto, deixar de dar o meu desauthorizado voto ao poeta dos *Sonetos e Rimas*, ao author do maviosissimo *Poema da Morta*, a Luiz Guimarães Junior, cuja lyra suave parece comprehender divinamente todos os segredos do coração da mulher.

Julietta de Mello Monteiro.

Rio Grande—85 »

« Ilm. Sr. director d'*A Semana*.—Para a humilde auctora d'estas linhas, o inspirado cantor das *Espumas Fluctuantes*, Castro Alves, o poeta de imaginação sempre fecunda, sempre arrebatadora e original, tem jus ao logar de honra entre os poetas da passada e mesmo da moderna geração, onde as letras patrias contam, como no festejado auctor dos *Cantos e Luctas*, brilhantes constellações. Rio-Grande, 1885.—Revocata H. de Mello.

THEATROS

POR CAUSA DE UMA CARTA

A companhia do theatro Lucinda deu-nos na segunda-feira a *première* d'esta bella comedia de Sardou.

Foi em beneficio de Furtado Coelho, o excellente artista, que tão intelligentemente dirige a companhia.

Furtado é talvez o actor que mais tem feito no Brazil pela sua arte, é um dos mais queridos do publico, e ha muitissima gente que não frequenta outro theatro que não aquelle em que o distinctissimo artista trabalhar. Entretanto, o theatro não estava inteiramente cheio na noite da sua festa artistica.

A comedia escolhida não é senão uma galante e espirituosissima fantasia, escripta por Sardou ha mais de vinte annos com o titulo *Les Pattes de Mouche*.

De um entrecho banalissimo, quasi grosseiro, com *ficelles* de dramalhão soube o grande escriptor, o inimitavel *faiseur*, extrahir trez actos cheios da *verve* mais graciosa e mais espontanea, com as situações mais imprevisas e mais originaes, com um extraordinario movimento, prendendo tenazmente o espectador e sacudindo-o por vezes com os ditos de fino espirito e com as phrases conceituosas e galantes que so elle sabe construir.

Não se discute alli nenhuma these, nem se procura resolver nenhum problema social: tiram-se episodios originaes e extravagantes de um episodio banal e futil. É um *tour de force* admiravel. So o talento e a grande habilidade de Sardou poderiam andar durante trez actos a roda de um simples bilhete de amor, esquecido trez annos no interior de um *biscuit* de Sevres, como quem, fazendo uma viagem á volta do mundo... n'um *mappa*, soubesse contar episodios e costumes dos paizes remotos percorridos.

Furtado Coelho representou o seu papel de Mauricio com a costumada correccão e elegancia.

Lucinda fez admiravelmente Suzana, accentuando de uma maneira finissima toda a vivacidade e todas as *nuances* da sua personagem; é esta uma das mais notaveis creações da grande actriz, e vai de certo para a gloriosa coroa onde estão inscriptos os nomes da princeza de Falcoière, da boronza d'Ange e de Cypriana des Prunelles.

As Srs. Adelina e Sara, fizeram rasoavelmente os papeis de Clarisse e Martha.

Quanto aos demais artistas que entraram na peça, apesar de toda a imprensa os ter elogiado, obedecemos á nossa consciencia dizendo que os achamos simplesmente—detestaveis. Não nos lembramos mesmo de ter visto na companhia Furtado Coelho um *ensemble* tão desharmonico, tão desafinado, tão *pessimo*—como a proposito de um poeta disse ha pouco tempo um collega nosso.

No sabbado passado a companhia do Recreio deu-nos *Os Dois Sargentos*, drama em 3 actos, já conhecido do nosso publico, que o vio representado pelo Rossi e pelo Brasão.

O papel de Guilherme, feito por aquelles dois notaveis artistas, foi agora desempenhado pelo Sr. Dias Braga, que lhe deu todo o vigor de que dispõe e que representou com muita vehemencia as grandes scenas do segundo acto.

Lisboa foi muito rasoavel no papel de Roberto e Maggioli fez com muita naturalidade e graça o de cabo Valentim.

Maia foi bastante grave e correcto no papel do general, e Castro fez com demasiada abundancia e vivacidade de gestos o de Gustavo.

Leolinda tambem foi feliz em algumas scenas do seu curto papel.

Balbina, por mais que se esforce e que trabalhe, é que nunca poderá dar uma *ingenua* que se possa ver.

Dos demais artistas, todos com pequenos papeis, nada ha que dizer.

A peça pareceu agradar bastante e o publico sahio satisfeito.

É no dia 2 do mez que vem o beneficio de Lucinda Furtado Coelho com a primeira do *Casamento de Figaro*, celebre peça de Beaumarchais, traduzida pelo nosso estimado collega Arthur Azevedo.

O papel que vae ser desempenhado por Lucinda, foi representado em França por Maria Antonietta, mas não foi *creado* pela infeliz rainha, como disse ha dias Eloy o *heróe*, no «De Palanque» do *Diario de Noticias*. Ao contrario. A peça de Beaumarchais, atacando abertamente a nobreza e o clero, escandalisou Luiz XVI, que jurou não a deixar representar, e o auctor pela sua parte jurou que ella «chavia de ser representada ainda que fosse em *Notre Dame*».

Effectivamente *O casamento de Figaro* foi representado em theatro publico com grande successo, sendo Beaumarchais preso no dia da sexagessima-quarta representação. So alguns annos depois foi representada no palacio de *Trianon*, desempenhando Maria Antonietta o papel principal.

Em seguida teremos no Lucinda *reprise* d'*Os dominós cor de rosa*, em que entrará o actor Martins, que vae fazer o D. Bazilio do *Figaro*.

Depois dos *Dominós* a companhia dará *A criada grave* e o *Truc de Arthur*; encerrará os seus trabalhos.

Dissolvida a companhia Furtado Coelho, ficará no theatro o actor Montedonio, que está organisando companhia para representar o seu repertorio, composto de peças desconhecidas do nosso publico.

POETAS BRAZILEIROS

Valentim Magalhães

Entre os modernos escriptores brasileiros, um dos que gozam de melhor reputação—e reputação justamente alcançada—é Valentim Magalhães, o sensato crítico das *Notas á margem*, na *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro. Professor elegante é ao mesmo tempo poeta, figurando na primeira fila dos laureados. Ora é simplesmente na sua qualidade de poeta que pretendemos occupar-nos d'elle no presente esboço crítico. Os documentos que nos servem de base são os *Cantos e Lutas*, volume de versos editado em 1879, e o poemeto *Colombo e Nêu*, dado á luz no anno immediato. A dedicatória do primeiro *Á Republica* indica-nos desde o começo que não é o auctor um dos sectarios da arte considerada em si mesma ou antes como o culto da forma, da sonoridade estrophica. E, no entanto, ao percorrerem-se as folhas dos *Cantos e Lutas* descobre-se em geral uma correção parnasiana,—para nos servir-mos da designação já quasi sacramental,—e até mesmo aqui e além um ou outro particularismo de escola, denunciando a influencia, quer directa, quer mediata dos mestres francezes.

Que Valentim Magalhães pertence á grande corrente, que deriva de Victor Hugo,ninguém o pôde contestar, mas a ella pertencem egualmente todos os poetas contemporaneos, seja qual for o caminho especial que para si tomaram.

Catulle Mendès disse: «No seculo dezenove, toda a poesia franceza verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo.» É evidente que esta phrase lida assim isolada encerra uma enorme injustiça para com Lamartine e Musset, mas a idéa do autor é verdadeira. Musset e Lamartine, duas glorias da poesia franceza no seculo actual, não procedem, de certo, de Victor Hugo, seria mesmo anachronico o suppol-o, mas todos os poetas posteriores da França têm essa derivação, e nós, estendendo ainda o pensamento de Catulle Mendès, a todos os povos neo-latinos, podemos afotamente afirmar: toda a poesia moderna, verdadeiramente digna d'este nome, deriva de Victor Hugo. Estudo interessante a fazer seria de facto a geneologia da poesia contemporanea no descobrimento das relações dos principaes representantes da poesia em cada paiz com essa serie de livros publicados successivamente e que tem por titulos: *Les Orientales*, *Les Voir intérieures*, *Les Rayons et les Ombres*, *Les Châtiments*, *Les Contemplations*, *La Légende des Siecles*, *Les Chansons des rues et de bois*, *L'Année terrible*, *L'Art d'être Grand Père*, etc. Não bastam estes titulos para nos despertarem na memoria as feições caracteristicas de cada um dos ramos da poesia franceza nos ultimos cincoenta annos desde Theophile Gautier, desde Theodore de Banville e Leconte de Lisle até François Coppée, Sully Prudhome e ainda Richepin e Rollinat? Cremos que sim. E em Portugal? E no Brazil?

A influencia de Victor Hugo não pôde ser contestada, e essa influencia acompanhada sempre quando não é predominante, quando não se torna exclusiva, a exercida pelos poetas chamados parnasianos.

Em Valentim Magalhães parece-nos a influencia do mestre vencer a dos discipulos. E a este facto attribuímos a sua preoccupação de subordinar a arte a um ponto de vista determinado—a idéa politica. Devemos confessar que, assim como não applaudimos a arte pela arte, também não podemos aceitar como principio a subordinação da arte á idéa politica. Esta é demasiadamente

secundaria e transitoria e portanto impropria para animar de uma maneira duradoura qualquer obra de arte. O espirito vivificante das bellas artes, como das sciencias, quer consideradas em geral, quer cada uma em particular, tem de ser sempre, como o foi em todas as épocas historicas, a idéa philosophica—religiosa, methaphysica ou positiva—ou melhor ainda, o pensamento social e humano. Se os modernos poetas, como Valentim Magalhães, que possuem em tão elevado gráo a aptidão para a factura do verso harmonioso, meditassem profundamente sobre as condições que deram a immortalidade a tantas obras primas, tanto na antiguidade, como na idade media e na renascença, cremos que não seria muito difficil tanger a verdadeira nota poetica da época contemporanea, época que tão adversa parece ás musas e que tão desdenhosa se mostra para com os que ainda não abandonaram de todo a lyra pela prosa ligeira do jornalismo absorvente e esterilizador.

Se passarmos a examinar de mais perto as poesias de Valentim Magalhães, descobriremos n'ellas trez direcções de espirito ou talvez mais propriamente, tres influencias de diferente natureza:—a satyrica, democraticamente demolidora, de que são exemplos bem caracteristicos as poesias *Carta ao Exm. barão de...* e *Velha historia*; a parnasiana a que pertencem os *Poemas da roca* e o poemeto *Colombo e Nêu*, nas quaes facilmente se encontra o exagero de colorido e a audacia de imagens, que será para muitos uma belleza, mas que nos julgamos um defeito de escola, equivalente ao que no seculo XVII recebeu o nome de gongorismo; e enfim a influencia doutrinar, ora politica, ora social, que se sente por exemplo no *Prenuncio de aurora* e em *Os dous edificios*, talvez a mais bella poesia do auctor. Vêde como ha n'estas estrophes a idéa social que as faz palpitar de inspiração e vida:

Na escola bate o sol alegre, esplendoroso.

Saem de lá de dentro as vozes infantis
Como de um ninho quente um canto
perfumoso.

Estão presos ainda os passaros gentis!
E' quasi meio dia. Um velho criminoso,
Da cadeia, encostado, espreita nos
gradis.

Tem a cabeça branca, as faces encovadas

E uns olhos de chacal. Encara de tra-
vez,

E ri-se de vagar com funebres risadas.
Entregava-se em moço ao jogo e á em-
briaguez.

Uma noute matou um homem ás facadas.

Depois foi atirado á noute das galés.
Encostada a cabeça aos ferros da ja-
nella

Quêda-se a meditar. Com triste lenti-
dão

Passeia de espingarda ao hombro a
sentinella.

São um sino na escola e logo a multidão
Das creanças sorrindo, alegre, taga-
rella,

Sae á rua, a gritar, pulando, em con-
fusão.

Immovel na janella o velho conde-
mnado

Os meninos contempla, alegres a cor-
rer...

E com um tom de voz, profundo, amar-
gurado,

Murmura surdamente: «Eu nunca
soube lêr!»

Dissemos que será esta talvez a poesia mais bella de Valentim Magalhães, e confirmamolo; porém não é de certo a mais perfeita sob o ponto de vista da execução; o illustre poeta brasileiro podia e devia tel-a submettido a mais severa lapidação, tirando-lhe as pequeninas asperezas que porventura a desfeiam e evitando por exemplo a repetição do adjectivo *alegre*, que por trez vezes se acha nos tercetos transcriptos. São minucias quasi insignificantes para quem esta absorvido por uma idéa, bem o sabemos, mas quando a factura do verso attingiu a perfeição, a que a elevaram os parnasianos, convenem que ao brilho do pensamento se una intimamente a belleza immaculada da forma, para que a poesia se torne uma obra prima. So pela solidá alliança da forma com o pensamento se poderá realizar o bello na arte. Valentim Magalhães, como em geral todos os poetas brasileiros, precisa não esquecer esta verdade. Se erram aquelles que sacrificam ou desprezam a idéa para se cuidarem da forma, na realidade também não estão no campo da arte os que procedem do modo inverso, descurando da forma por amor exclusivo da idéa. Os exaggeros são perniciosos.

Os *Cantos e Lutas*, revelando em Valentim Magalhães um poeta de talento, contrahiram para com o publico um compromisso que por ora não foi satisfeito, mas que, segundo esperamos, sel-o-ha em breve. Esse compromisso é a publicação de uma nova collecção de poesias, onde Valentim Magalhães accentua de uma maneira definitiva o seu ponto de vista artistico dando uma orientação segura e traçando o verdadeiro caminho ás modernas gerações litterarias do Brazil. O distincto escriptor brasileiro possui todos os elementos indispensaveis para a realização d'essa obra, como são a aptidão desenvolvida para a boa harmonia do verso e da estrophe, o bom senso critico para a escolha dos assumptos e a convicção de que a arte precisa, para a vivificar, de um pensamento ou de uma idéa que hoje não pode ser outro senão o amor da humanidade.

Lisboa, Abril de 1885.

TEIXEIRA BASTOS.

Uma violencia do Sr. Henri Nicoud

O Sr. Henri Nicoud, o amavel e sympathico presidente d'aquella gentil republicasinha das letras, que existe ali, á rua dos Ourives n. 27, com o titulo *Au Petit Journal*, acaba de confundir a *Semana* com uma d'essas finezas irretribuiveis, com uma d'essas provas de distincção mais raras e por isso mesmo mais preciosas: fineza e distincção que mascaram uma grande... violencia!

E' o caso que o Sr. Nicoud, em troca da nossa modesta folha, effereceu-nos a collecção completa, d'este anno, da excellent revista franceza intitulada *Revue Politique et Litteraire (Revue bleue)* a qual, como a *Semana* aqui, apparece em Paris todos os sabbados. Eis ahi uma honrosa permuta! mas um verdadeiro attentado com pés de lan!

Expliquemo-nos. Depois d'este, facto, respondam-nos: qualquer elogio que possamos fazer áquella excellent casa, áquella mundosinho perfumoso e alegre, não será logo levado á conta de mero agradecimento, e até—ha tanta malicia por este mundo!—não poderá ser considerado—pura *réclame*? Sim, com certeza.

E aqui têm os senhores *A Semana* impossibilitada de dizer que a casa *Au Petit Journal* é uma agencia de publica-

ções francezas *comme il faut*; que, mediante mesquinha commissão, encarregasse de mandar vir qualquer jornal francez com rapidez e pontualidade—inverosímeis! Tudo porque o Sr. Nicoud teve a infeliz idéa de nos offerecer a *Revue bleue*!

E assim se compra o silencio de uma folha independente! E assim se atabafa a voz da justiça!

«Hugoanas» e «Hugonianas»

«Meu caro director d'A Semana.—Leio na *Folha Nova*, de 27 de Maio, que «com uma introdução do poeta...» (*) deve apparecer brevemente uma edição de luxo das *Hugonianas*, poesias de Victor Hugo, traduzidas por poetas brasileiros.»

Ora, a idéa de tal edição é minha, com prioridade de alguns annos. Dei d'isso communicação á *Gazeta de Noticias*, em 1877 ou 1878, e aquella folha noticiou que eu ia publicar, com o titulo de *Hugoanas*, uma collecção de poesias de Victor Hugo traduzidas por poetas brasileiros, á semelhança do que, annos antes, se fizera com poesias de Lamartine.

Além da differença na formação do adjectivo para o titulo, só ha outra na edição agora noticiada: a introdução do poeta... Eu tencionava pedir introdução para o livro a Machado de Assis, ou a Octaviano, ou a Araripe Junior, ou ao proprio Macedo Soares, que já a escrevera para as *Lamartineanas*, ou a qualquer outro critico brasileiro; mas não estava ainda bem resolvido que este fosse o Sr. ...

Para a publicação das *Hugoanas*, eu não procurara ainda editor, aguardando oportunidade. Eis que a morte do poeta affigura-se boa occasião a não sei que editor, que não se julga muito embaraçado por escrupulos de probidade, ao menos litteraria, e apropria-se de uma idéa de terceiro, como tal noticiada alguns annos antes.

Bom proveito lhe faça; que eu, além d'esta reclamação, e ainda que ella não produza effeito, não tenciono defender de outro modo a minha idéa. Para consolo sempre tenho aqui o doce Virgilio, tão amado n'estas terras de Minas:

Sic vos non vobis, etc.

S. Gonçalo do Sapucahy, 1º de Junho de 1885.

Collega e amigo.

LUCIO DE MENDONÇA.

(1) Não se escreve aqui o nome do poeta, porque esta folha fez protesto de nunca macular-se com elle.—N. DA R.

TRATOS Á BOLA

Foi o Sr. Ruy Lemos o unico decifrador exacto das *tratices* do n. 23.

Queira vir buscar o seu premio; o senhor é um heróe, um verdadeiro heróe! Conferimos-lhe desde já o diploma de *topetudo* e orgulhe-se com esta prova de distincção. Orgulhe-se porque ha muita gente que desejava possuil-a.

Eis as decifrações: das telegraphicas—*Garapa e Tacape*; das verbaes—*Tersol e Verilha*; da antiga—*Caeteté* e do logogripho—*Gastronomo*.

Para hoje damos as seguintes difficuldades:

LOGOGRIPHO

(Por letras)

Toleirão!—3, 12, 10, 8, 10, 12.
a mulher—6, 12, 11, 10, 1, 12.
ensina.—6, 4, 9, 10, 5, 8.

A deusa—10, 4, 10, 1, 2, 9.
É de pedra—3, 8, 7, 1, 12.
Velhaco!—10, 5, 12, 10, 12, 7, 4.
Na mythologia.

ANTIGA

Sou signal de grande festa—2
É de insecto eu sou industria—2
Debalde gigante forte
Por mim quiz ser adorado,
Desprezei-o e por vingança
Esmagou meu bem amado.

1—3—Fui ponto de mathematica.

1—1—3—Sacro edificio da musica, na musica, na musica.

ANTE-POSTA

D'ante mão ralho madeira.

E, para acabar, a seguinte bella novidade:

LOGOGRIPHOS NORMANDOS

Supponhamos que se nos apresenta o seguinte:

«No mar; na musica; um nome de mulher; uma refeição; um peccado mortal; um adjectivo.—Conceito:—Poeta antigo.»

A decifração é—Homero.

Chega-se a este resultado pela seguinte fórma:

«No mar.....Ilhas.....H
Na musica.....Tom.....O
Nome de mulher...Ema.....M
Uma refeição.....Cea.....E
Peccado mortal....Ira.....R
Um adjectivo.....Bom.....O

Isto é: procura-se a palavra correspondente a cada uma das decifrações; toma-se a letra central de cada uma d'essas palavras. Depois reúnem-se. Se a palavra d'ahi resultante combinar com o conceito estará decifrado o logogripho.

Isto posto offerecemos á perspicacia dos leitores o seguinte:

«Vestindo os homens...

«No céo...

«Na igreja...

«Na ave...

«Nome de mulher...

«Da abelha...

«Fructa...

«Proloquio...

«Pedra de alfaiate e de escola.

«Leva agua.

«Não é mão.

CONCEITO

Nome (composto de dois) de um poeta brasileiro. »

PREMIOS

Para o primeiro decifrador temos uma esplendida surpresa, que foi offerecida a D. Pastel, para ser entregue ao barra que matar os *tratos* de hoje.

Ao segundo um exemplar das *Auro-ras*, poesias de Alfredo de Souza.

D. PASTEL.

CORREIO

SR. UM SEU CRIADO — Obrigadissimos pelo seu favor.

SR. FRANCISCO LINS — O seu soneto «Liberdade» não é bom; o que não nos priva de dizer que o senhor com algum estudo nos pode mandar cousa publicavel.

SR. LINDOLPHO ROCHA — Os versos de sua poesia «O Despertar» são correctos e feitos com certo capricho. Ah, se o assumpto destes versos fosse menos gasto, teriamos immenso prazer em publical-os.

SR. ARSENIO CLAUDIO — A sua poesia «Ruinas», não é má; mas—desculpe-nos esta franqueza—é muito «piégas». Veja se nos remette cousa menos lamurienta.

SR. JOÃO ARANHAS (S. Carlos do Pinhal) — O seu «Bosquejo» apparecerá na «Collaboração» assim que houver espaço.

SR. DIONYSIO TANCREDO — O seu conto «Ella e Eu» será tambem publicado. E' esperar.

SR. C. S. NESTOR — Obrigados pela sua lembrança.

SR. MARIO — Sim, senhor, tem feito progressos. Continue a trabalhar que muito breve chegará a esta cousa tão desejada pelo senhor, ao que parece:—ver um escripto seu figurando em nosso jornal. Não ha de tardar.

SR. FERDINANDO — O seu soneto «Arrufos» tem muito espirito... mas só pode ser lido entre rapazes por causa de... não, fiquemos aqui.

SR. B. J. BORGES — A poesia que o senhor nos remetteu, em homenagem á memoria de Victor Hugo, é um pouco fraca. Sabemos que cada um dá o que pôde, mas, acreditando, que da publicação dos seus versos pouco lustre pôde advir ao seu nome, resolvemos não publical-os.

SR. ROBERTO VILLERON — A sua poesia «Folhas de uma carteira» e o seu soneto «No Banho» são soffríveis. Vão para a sala de espera.

SR. MODESTO PAIVA — O seu soneto «Morrera e Pallida» não é máo, mas fica prejudicado por causa do primeiro verso que é quasi aquelle celebre e debicado verso do «D. Jayme»:

«Eu nunca vi Lisboa e tenho pena.»

FACTOS DIVERSOS

Sabbado 13 do corrente, ás 8 horas da noite, em uma das salas do Imperial Lyceu de Artes e Officios, o calligrapho João Valentim de Figueiró Filho reuniu sete de seus discipulos e fundou uma Escola Artistica, cuja denominação é de — Escola Raphaelina Brasileira. Sua abertura terá lugar a de 16 Outubro do corrente anno.

Os trabalhos serão apresentados em exposição publica nos dias 22 de Abril de cada anno, em commemoração á descoberta do Brazil.

O Sr. Aprigio Cezarino com enorme trabalho tem conseguido organizar uma bella collecção de jornaes, de que pretende faser uma exposição.

O Sr. Cezarino já tem feito acquisição de cerca de 1,500 specimens, abrangendo as 5 partes do mundo.

Esses jornaes são escriptos em portuguez, francez, hespanhol, italiano, hebraico, grego moderno, sueco, noruego, dinamarquez, holandez, inglez, flamengo, russo, finlandez e em dialecto genevez.

Partio ha dias para a Bahia, onde vae continuar os seus estudos na Faculdade de Medicina, o Sr. Heitor Murat, irmão do nosso collega Luiz Murat. Desejamos-lhe todas as felicidades.

Chegou ha dias da Europa o nosso compatriota Sr. A. Rodrigues Silva, sobrinho do fallecido senador Firmino Rodrigues Silva. O nosso jovem patriocio cursou vantajosamente as aulas de musica do conservatorio de Napoles, sob a direcção do celebre professor Lauro Rossi e traz bons attestados do seu aproveitamento.

CONSULTAS

— Sr. Candido José de Araujo—(Curral d'El-Rey—Minas): As cartas registradas, quando o remettente tem certeza que não chegaram ás mãos do seu destinatario, podem ser reclamadas em qualquer tempo. Caso contenham valor, e este não seja declarado, ficam,—de conformidade com o artigo 31 do regulamento do Correio, de 12 de Abril de 1865,—sujeitas á multa de 20% sobre a importancia e mais a 2% como se fossem registradas com valor.

Quanto á verificação que nos pede da letra de sua consulta com a da carta que esta redacção recebeu, acompanhando a importancia de sua assignatura, temos a dizer-lhe que ha alguma semelhança entre as letras e muita entre as assignaturas.